



**The defensive lines between the 17th century and Napoleon**  
International Congress of Archaeology and History  
Portugal, 1-2 September 2017

Com a evolução das armas de fogo as antigas fortalezas deixam de ter a eficácia defensiva para a qual tinham sido concebidas. Muitas são reestruturadas e integradas em novos sistemas defensivos, muitas outras são abandonadas por não terem valor estratégico.

Quando um reino se encontra sob ameaça de invasão, quando foi conquistado e se quer libertar do jugo do invasor, constroem-se sistemas defensivos de campanha aproveitando o relevo do território, abarcando uma ou mais linhas defensivas, constituídos por pequenos redutos que, apetrechados com homens e canhões, concertam entre si a defesa do território.

Estas estruturas são vantajosas do ponto de vista económico já que não exigem manutenção nem carecem de equipamento em tempos de paz. Do ponto de vista militar são eficazes por estarem adaptadas às novas tácticas e armamento. A sua função, e principal objectivo, é atrasar ou impedir a progressão do invasor.

A Beira Baixa, situada no Centro-Interior de Portugal, situa-se numa das rotas de entrada no país e de acesso à capital. Por aqui entraram exércitos invasores, em diversos momentos, com o objectivo de conquistar Lisboa e, conseqüentemente, controlar o reino.

É sobre esta via que em 1762 se constrói um sistema defensivo em torno de Abrantes, do qual a linha de vanguarda, a Linha Defensiva das Talhadas-Moradal, aproveitava as extremas dificuldades causadas pelas serranias das Talhadas e do Moradal. Nessa época Portugal vê-se envolvido na Guerra dos Sete Anos devido à recusa de assinar o Pacto de Família com as cortes de Espanha e França. Perante a iminente invasão do território nacional por um exército Franco-Espanhol o Marquês de Pombal pede auxílio ao governo britânico, que por sua vez indica, como militar capaz para liderar o exército português, Wilhelm Schaumburg-Lippe (conde soberano de Schaumbourg - principado na Baixa Saxónia, na Alemanha), que então servia no exército inglês.

Porém, a sua história não termina com o fim do conflito. A linha subsiste e evolui.

Em 1801 no âmbito da denominada Guerra das Laranjas (considerada por alguns investigadores como a 1.<sup>a</sup> invasão napoleónica), sob o comando do Marquês d'Alorna, a Linha Defensiva das Talhadas-Moradal é reestruturada e equipada com novas estruturas e construída uma estrada militar para facilitar as comunicações. Todavia, a invasão ocorre pelo Alentejo e a linha não entra em função.

Em 1807, o exército francês passa por esta linha, que se encontrava despojada de homens e armamento, com grande dificuldade, ainda que não tenha sido disparado um tiro, como ordenado pelo príncipe regente D. João (futuro D. João VI).

Em 1810, ainda no âmbito da Guerra Peninsular, o Marquês de Castello Melhor e Manoel Jozé Dias Cardoso fazem o reconhecimento das linhas que constituíam o sistema defensivo leste, certamente com o objectivo de as reactivar e ocupar em caso de necessidade,

possivelmente, em articulação com as Linhas de Torres Vedras, que estariam então em construção.

A realização deste Congresso foi motivada pelos trabalhos de investigação arqueológica e de valorização pública da Linha Defensiva das Talhadas-Moradal, que está na vanguarda do Sistema Defensivo construído em torno de Abrantes, em 1762, com a entrada de Portugal na Guerra dos Sete Anos, que é o tema da primeira sessão.

Neste Congresso pretende-se trocar conhecimentos acerca das linhas defensivas construídas no espaço europeu, entre os séculos XVII e as guerras napoleónicas, focando a atenção na sua topografia, nas diferentes estruturas que as constituem, sua função, evolução e eficácia entre outros aspectos, além, naturalmente do contexto histórico que determinou a sua génese.

O programa do Congresso está estruturado em quatro sessões dedicadas aos seguintes temas: Sessão 1 sobre *A Linha Defensiva das Talhadas-Moradal*; Sessão 2 sobre *Planeamento defensivo entre os séculos XVII e XIX*; Sessão 3 sobre *Sistemas defensivos na Europa entre os séculos XVII e XIX*; Sessão 4 dedicada a *comunicações livres*.